

## UMBERTO ECO E O RESGATE DA MEMÓRIA LITERÁRIA

Paulo Fernando Zaganin ROSA  
Universidade Estadual Paulista – UNESP/ Assis  
doctorzaganin@hotmail.com

**Resumo:** Umberto Eco é autor de vários textos teóricos fundamentais para a compreensão da obra de arte contemporânea. Em 1980, o teórico faz a sua primeira experiência como romancista, com a publicação de *O nome da rosa*, ao qual seguiram-se outros cinco romances. Nosso objeto de estudo é o quinto romance de Eco, *A misteriosa chama da rainha Loana*, uma edição repleta de gravuras dos anos 1940, que apresenta um panorama da Itália nesse período. Para compor a obra em questão, Eco faz uso de vários procedimentos intertextuais, como a colagem, a citação e a alusão, além de utilizar muitas referências, imagéticas. Ao homenagear a literatura, usando um protagonista que, ao perder suas memórias pessoais, passa a usar só a memória da literatura, Eco usa e abusa da intertextualidade para resgatar o próprio passado. Portanto, nosso objetivo é identificar e analisar os recursos intertextuais usados pelo autor para a construção do romance *A misteriosa chama da Rainha Loana*, a fim de desvelar seu processo criativo e verificar de que forma o uso desse procedimento resulta em um texto literário capaz de resgatar a memória da literatura.

**Palavras-chave:** Umberto Eco; *A misteriosa chama da Rainha Loana*; Intertextualidade; Interdiscursividade; Memória Literária.

Para tecer nossas considerações sobre a questão da memória, usaremos um dos objetos de estudo de nossa tese de doutorado, isto é, o quinto romance do autor italiano Umberto Eco, intitulado *A misteriosa chama da rainha Loana* (2005). Esta apresentação é um recorte de um estudo maior, cuja principal tarefa é discutir como os conceitos relacionados à memória estão presentes nas obras *A misteriosa chama da rainha Loana*, de Umberto Eco e *Leite derramado*, de Chico Buarque, procurando identificar e analisar sua representação nos dois romances a partir de seus símbolos.

De acordo com o estudioso Igor Salomão Teixeira, em um ensaio que discute as relações entre memória individual e memória coletiva no âmbito dos signos e dos sinais tão inerentes à semiótica, e analisa o romance *A misteriosa chama da rainha Loana*, estes dois tipos de memória, “devido ao tema, se misturaram com a história e com a literatura numa espécie de complementação teórica e de entretenimento literário sem compromisso.” (2007, p. 66).

Teixeira acredita em um tempo tripartite da rememoração. Para exemplificar, o autor cria uma situação em que uma pessoa aos 60 anos encontra um caderno no qual escreveu poesias aos 17. Segundo ele, haveria, nesse exemplo, uma relação entre três tempos: o tempo de quando se escreveu, o tempo de quando se reencontrou o texto e o tempo dos anos que separam as duas ações. A partir daí, Teixeira faz o seguinte questionamento: no exemplo citado, encontraríamos as ideias como foram pensadas no tempo de sua escrita ou um fragmento reinterpretado? (2007, p. 65-66)

Para diferenciar os tipos de memória, usaremos as definições dadas por uma das personagens do romance em estudo, Dr. Gratarolo (ECO, 2005, p. 18). Segundo ele, a memória está situada em áreas cerebrais não definidas e se divide em dois tipos: implícita e explícita. O primeiro tipo é a recordação automática, aquela da qual os homens sequer têm consciência de recordar algo. Já no caso da memória explícita, além de se recordar das coisas, sabe-se que se está recordando. Esta última se subdivide também em dois tipos: semântica (ou

coletiva) e autobiográfica (ou episódica). A primeira (a coletiva) é aquela com a qual se sabe, por exemplo, quem foi Napoleão Bonaparte, ou seja, são as lembranças do tempo da escola, as frases feitas, que são as primeiras que se formam em uma criança e passam a acompanhá-la por toda a vida. Por sua vez, a memória autobiográfica (ou episódica) é aquela que estabelece umnexo entre o que somos hoje e o que fomos no passado, cria um entrelaçamento entre os episódios de nossa vida, isto é, trata-se de nossa memória afetiva.

O protagonista de *A misteriosa chama* é Giambattista Bodoni, que vive em Milão. É colecionador e vendedor de livros antigos e atende pelo apelido de Yambo. Certo dia, ao despertar de um coma, cuja causa não nos é revelada, descobre que perdeu sua memória pessoal e afetiva, aquela que constituiria seu ser e sua própria história, embora preserve sua memória coletiva, a chamada memória semântica. Ele sabe escovar os dentes e dirigir um automóvel (memória implícita/automática), se recorda quem foi Júlio Verne e qual a capital do Japão (memória semântica/coletiva), mas não consegue se lembrar quem foram seus pais ou que é casado e tem duas filhas (memória autobiográfica/episódica), ou seja, Yambo perde completamente os laços afetivos consigo mesmo e com as pessoas que conheceu e conviveu durante a vida.

De acordo com Teixeira (2007, p. 67), a obra trata da busca de Yambo por sua identidade, tentando (re)construir o trajeto vivido durante seus 60 anos. Desta forma, Teixeira acredita também que a obra acaba por remeter ao clássico *À la recherche du temps perdu*, de Marcel Proust, que procurava recuperar o passado a partir de fragmentos materiais e experiências sensitivas. Ele observa que Proust “descartava o esforço intelectual e deliberado de lembrar, pois esse seria sempre uma construção, em nada recuperando o passado, e sim, revisitando-o” (2007, p. 68). Segundo ele, Proust considerava como caminho da redescoberta, o acaso da coincidência de um objeto com a sensação de experimentá-lo como outrora.

No romance de Eco, essa memória involuntária é denominada por Yambo como “misteriosa chama”, expressão utilizada sempre que o protagonista sente que está próximo de recuperar seu passado autobiográfico, como na passagem do romance em que passeia por uma feirinha com sua esposa Paola e, ao visualizar a capa de um gibi do Mickey, cujo título era “O tesouro de Clarabela”, recorda-se não apenas de dados referentes à publicação, mas também de detalhes sobre o conteúdo daquela edição. Num primeiro momento, Yambo acredita que era normal conhecer aquela história, porém Paola atenta para o fato de que talvez tenha sido a imagem da capa a evocar em Yambo aquela recordação:

“Mas como você pode saber tudo isso?”

“Todo mundo sabe, não?”

“Não, claro que nem todo mundo sabe”, disse Paola excitada. “Essa não é a memória semântica. Essa é a memória autobiográfica. Você lembrou de uma coisa que o impressionou quando era criança! E o que evocou tudo foi a capa.”

“Não, não a imagem. Talvez o nome, Clarabela.”

[...]

“Nunca sairei disso, Paola. Nunca penetrarei na caverna.”

“Mas você se lembrou num repente da história das duas árvores.”

“Proust recordava pelo menos três. Papel, papel, como todos os livros desse apartamento, mais os do estúdio. Tenho uma memória de papel.

“Desfrute do papel, visto que as *madeleines* não lhe dizem nada. Você não é Proust, tudo bem. Zsetski também não era.” (ECO, 2005, p. 75).

Tal como Proust, Yambo acredita que essa “leve taquicardia”, que ele mesmo denomina como “misteriosa chama”, é causada não por imagens ou pelo esforço de se lembrar de algo, mas pelas sensações, como no caso de *À la recherche du temps perdu*, em que a infusão de tília com *madeleine* traz de volta os domingos em Combray com a tia Léonie.

Após o passeio à feirinha, seguindo as recomendações de seu médico e de sua esposa que é psicóloga, Yambo viaja para as montanhas do Piemonte, para a casa de campo que fora de seu avô, um colecionador de tralhas, quinquilharias, jornais e revistas antigas, lugar onde passou grande parte de sua infância e adolescência para tentar recuperar seu passado esquecido.

Nessa propriedade da família, em Solara, Yambo passa a procurar nos objetos que fizeram parte de sua vida vínculos com o passado e as chaves para sua lucidez. Ele começa a acreditar que as sensações causadas pelo contato com músicas, odores, livros e quadrinhos, coisas que viu e tocou há sessenta anos, podem ajudá-lo a recuperar a memória. Por meio dos salvo-condutos de seu passado – livros de Júlio Verne, gibis com histórias de Mickey, Flash Gordon e Dick Tracy, canções populares e hinos fascistas, discos de 78 rotações, figurinhas de álbuns famosos, embalagens de chocolate, cigarros e brinquedos –, Yambo vai dissolvendo pouco a pouco a névoa da memória. Nessa busca pelo passado adormecido, a personagem encontra nos livros que ajudaram a formar sua personalidade a oportunidade de recuperar sua própria história e, assim, corrigir os defeitos de uma existência que, muitas vezes, fugiu do seu controle.

A procedência da expressão “misteriosa chama”, cuja explicação ajuda também a entender o título do romance, vem à tona quando Yambo encontra na capela escondida da casa de Solara, um exemplar da coleção em quadrinhos de “Cino e Franco”, intitulado “A misteriosa chama da rainha Loana”. Neste momento, Yambo se dá conta da razão que o levava a usar tal expressão: “Lá estava a explicação para as misteriosas chamas que me agitavam desde o despertar, e a viagem a Solara finalmente ganhava um sentido.” (ECO, 2005, p. 251). Essa chama guardada pela rainha Loana em um misterioso reino no centro da África, garantia sua imortalidade. Cino e Franco tentam roubá-la de Loana, mas no final da história a chama se apaga. Após a releitura desta historinha, Yambo passa a entender o sentido da expressão com a qual denominava seus sentimentos em relação a sua busca pelo passado e compreende que sua memória foi tocada não pela história ou pelas imagens dos quadrinhos, mas pela sonoridade do título:

Vivi todos os anos de minha infância – e talvez até depois – cultivando não uma imagem, mas um som. Esquecida a Loana ‘histórica’, continuei a seguir a aura oral de outras chamas misteriosas. E anos depois, com a memória revirada, reativei o nome de uma chama para definir o brilho de delícias esquecidas. (ECO, 2005, p. 253)

Todas as vezes que Yambo cita trechos da obra de Proust, faz ressalva de que sua busca em recuperar a memória por meio de imagens parece inútil, pois o que lhe aproxima da misteriosa chama são na verdade as palavras e os sons. Tal afirmação parece contraditória, uma vez que o livro, como podemos notar já em seu subtítulo, trata-se de um romance ilustrado. Porém, no decorrer da história passamos a entender que o uso de imagens, como de ilustrações de livros e de gibis ou de capas de discos, por exemplo, têm na verdade a função de fazer com que o leitor compartilhe com Yambo tudo aquilo que ele encontra em sua busca pelo passado, como o próprio Eco observou durante entrevista ao Jornal *Le Monde*:

Neste livro, eu retorno ao meu passado e ao da minha geração, que cresceu durante o regime fascista. Esta memória baseia-se em imagens, músicas, em objetos, e não apenas em palavras. [...]

Mas eu tomei cuidado para que as imagens nunca tomem o lugar de uma descrição verbal. Elas servem para evidenciar uma prova, para demonstrar que não estou exagerando quando descrevo a propaganda fascista, por exemplo.

Elas têm também uma “função de etc.”: eu mostro a capa de um livro antigo, e a memória dos leitores, imediatamente estimulada por esta referência, entra em expansão.

O escritor afirma ainda que sentia, acima de tudo, a necessidade de contar a sua infância. Segundo ele, a Itália nunca se cansou, desde o final da guerra, de reconstituir o seu passado, de fazer o seu exame de consciência. Para tanto, Eco usa a personagem Yambo, que ao perder suas próprias memórias, só pode reencontrá-las a partir da memória coletiva.

Para entender melhor o processo utilizado por Eco para tratar o resgate da memória da personagem Yambo e, conseqüentemente, da retomada de temas literários e históricos, como os horrores do período fascista, é importante conhecermos um pouco cada uma das três partes em que se divide o romance.

A primeira parte, denominada “O acidente”, na qual é apresentado o estado de saúde de Yambo, trata das constatações iniciais da personagem sobre sua doença, sobre o diagnóstico médico e sobre as expectativas acerca do processo de rememoração. Para Teixeira (2007, p. 70), esta parte trata também da relação de Yambo com as páginas sobre a memória e o tempo nas *Confissões*, de Santo Agostinho. Para tentar definir a memória e suas características, Yambo utiliza a metáfora “palácio da memória” de Santo Agostinho, que considerava que o ato de lembrar está inserido na amplitude dos registros das coisas experimentadas, na alternância das lembranças, na irrupção “aos turbilhões” das imagens e no próprio esforço deliberado para lembrar. Para Santo Agostinho, no palácio da memória estão conservadas as sensações das coisas apreendidas. Ele distingue dois tipos de memória: aquela relacionada às imagens percebidas/sentidas e a memória intelectual ou a dos conhecimentos aprendidos, dos quais se têm as “realidades” registradas em imagens. (apud TEIXEIRA, 2007, p. 71).

Teixeira observa que, para Santo Agostinho, as imagens retidas na memória e tão rapidamente recuperadas pela lembrança é que permitem as tomadas de decisões, as conclusões e a formulação de ideias. De acordo com o autor, “diferentemente de Proust, que vê as imagens do passado após tê-lo experimentado pelos outros sentidos, a relação de Yambo com a obra de Santo Agostinho é mais estreita, na medida que é atrás delas que ele se dispõem a entrar sozinho na sua própria caverna.” (2007, p.72).

No romance, a casa de campo da família em Solara, depositária dos objetos do passado de Yambo, corresponde à sua “caverna da memória”. Yambo viveu durante sua infância e juventude em Solara, sendo assim, passa a acreditar que lá estão as imagens necessárias para reconstruir suas memórias.

Outro fator que merece destaque nessa primeira parte é a relação de Yambo com sua secretária Sibilla (que tem o mesmo nome de um antigo amor de infância). A formosura e a presteza de Sibilla despertam em Yambo pensamentos e questionamentos sobre uma possível relação afetiva entre os dois. O protagonista imagina casos de amor, traições e desejos com essa *sibilina* personagem. Tais sentimentos também o auxiliam no processo de reativação de sua memória afetiva.

Por último, é importante ressaltar que nessa parte nos é também informado que antes do acidente, Yambo, auxiliado por Sibilla, iniciou uma coletânea de versos que tinham a expressão “névoa”, que estará presente ao lado da expressão “misteriosa chama”, no decorrer de toda a trama. Para Teixeira: “A névoa é o que permeia as lembranças esparsas de Yambo e que impede a visualização direta das imagens de si” (2007, p. 73).

A segunda parte, intitulada “Uma memória de papel”, é a mais longa e apresenta os principais símbolos de interpretação da obra, pois Yambo reencontra-se em Solara com objetos, imagens, sons, cheiros e sabores que fizeram parte de seu passado. Recebe esse título por tratar da memória semântica ou coletiva, ou seja, é nesta parte que Yambo entra em contato com tudo o que leu, escreveu e ouviu durante sua infância e sua juventude.

Como já observamos, a casa de Solara corresponde à “caverna da memória” de Yambo. Nesta imensa propriedade, herdada do avô, o protagonista redescobre antigos pertences de família, como móveis, molduras, livros, jornais, revistas, discos e também

objetos pessoais, como cadernos em que escreveu quando era ainda jovem. Este reencontro suscita em Yambo novas emoções e ondas de calor, que ele também denomina como “misteriosíssimas chamadas”:

Não li tudo de fio a pavio. Certos livros, certos fascículos percorri como se sobrevoasse uma paisagem, e ao passar por eles já sabia que sabia o que estava escrito. Como se uma única palavra evocasse outras mil [...]. Outras vezes o curto-circuito era ativado por um desenho, três mil palavras para uma imagem. Em outras lia lentamente, saboreando uma frase, um trecho, um capítulo, descobrindo talvez as mesmas emoções provocadas pela primeira e esquecida leitura.

Inútil falar da gama de misteriosíssimas chamadas, leves taquicardias, rubores súbitos que muitas daquelas leituras suscitavam por um breve instante – para depois dissolver-se assim como vieram, deixando lugar a novas ondas de calor. (ECO, 2005, p. 120).

Ao caminhar pelo seu palácio da memória, Yambo sente-se confuso e passa a acreditar que estas informações ainda não são a memória redescoberta, mas um grande aprendizado sobre outros tempos.

Entre os livros e as coleções do avô, Yambo encontra uma caixa com poesias que ele mesmo escreveu no final da década de 1940. Sente-se curioso ao observar o teor romântico de seus versos e, após um telefonema ao seu amigo de infância Gianni, descobre que a inspiração para seus escritos foi um antigo amor de sua adolescência, Lila Saba, que morreu ainda jovem depois de partir para o Brasil. Essa mesma informação sobre a morte de Lila, que Yambo recebera pouco antes do acidente que causou a perda da memória, pode ter sido sua própria causa. Contudo, mesmo após saber mais sobre a musa inspiradora de seus versos, Yambo não consegue vislumbrar seu rosto:

Ainda alguma coisa a fazer em Solara? Agora a história mais importante da minha adolescência está situada alhures, em uma cidade do final dos anos quarenta e no Brasil. [...] Os últimos documentos que Solara pôde me oferecer foram as minhas poesias, que me permitiram entrever Lila sem me oferecer seu rosto. Encontro-me de novo diante de uma barreira de névoa. (ECO, 2005, p. 294).

Porém, mesmo convencido de que não havia mais nada a fazer ou a procurar em Solara, Yambo sente um desejo incontrolável de dar um último adeus ao sótão, onde passara vários dias entre os livros e objetos do avô. Essa ânsia foi causada pela vontade de encontrar uma fotografia de Lila e, quem sabe, dissolver a névoa que perpassava sua existência.

Para sua surpresa, durante sua última visita ao sótão, Yambo descobre uma caixa fechada, escondida entre dois armários. Após vasculhar a caixa, repleta de clássicos como os de Conrad e Zola, encontra no fundo uma camada de jornais e, embaixo deles, uma edição infoglo de William Shakespeare, datada de 1623. Com as mãos trêmulas, enquanto segura o tesouro que acabara de encontrar, Yambo faz uma última constatação:

Com esse in-fólio estou vivendo um romance mais excitante que todos os mistérios vividos entre os muros de Solara, durante quase três meses de alta pressão. A emoção embaralha as idéias, sobem a meu rosto lufadas de calor. É seguramente o grande golpe da minha vida. (ECO, 2005, p. 297).

Neste momento de êxtase, entre a emoção de ter descoberto um tesouro e a expectativa de conseguir finalmente encontrar, da mesma forma, em sua “caverna da memória”, o rosto de Lila, Yambo recobra sua memória. Mas, ironicamente, entra novamente em coma. Nesse estado de semiconsciência, começa a reavaliar tudo o que viu e sentiu desde que chegou a Solara, procurando também entender o que se passava com ele naquele momento.

O desfecho da obra acontece na última parte, chamada *OI NOΣTOI*, em que se percebe uma circularidade. Nesta parte os elementos simbólicos das partes anteriores reaparecem, daí a escolha do título grego, que significa “Retornos”.

Para Teixeira os quatro capítulos desta última parte são memórias desordenadas, algo parecido com o que Santo Agostinho afirmou sobre algumas lembranças “que irrompem aos turbilhões e, enquanto se pede e se procura uma outra, saltam para o meio, como se dissessem: ‘Não seremos nós?’.” (apud TEIXEIRA, 2007, p. 77).

Nessa parte também Yambo pede à Rainha Loana que lhe devolva a imagem do rosto de Lila, que seria para ele a figura redentora de seu esquecimento e poderia trazer de volta sua memória autobiográfica: “[...] É chegada a hora. Vai aparecer, ao final desse radioso apocalipse, Lila.” (ECO, 2005, p. 442).

Em estado de puro arrebatamento, Yambo espera ansioso pela imagem de Lila e vive um momento transitório entre despertar ou cair em sono profundo:

Não sei se é a misteriosa chama da rainha Loana que está ardendo em meus lobos empergaminhados, se algum elixir está tentando lavar as folhas acastanhadas da minha memória de papel, ainda afetadas por muitas nódoas que tornam ilegível aquela parte do texto que ainda me escapa, ou se sou eu que tento obrigar meus nervos a um esforço insuportável. Se nesse estado pudesse tremer, tremeria, por dentro sinto-me sacudido como se, fora, flutuasse em um mar borrascoso. Mas é, ao mesmo tempo, como que o anúncio de um orgasmo, em meu cérebro os corpos cavernosos se enchem de sangue, algo está para explodir – ou para desabrochar. (ECO, 2005, p. 442).

Por fim, Yambo sente uma “rajada de frio” e o sol passa a se fazer negro, isto é, o protagonista entra em sono profundo, sem lembrar o “rosto gracioso” de Lila. De acordo com Teixeira (2007, p. 65), após interpretar os símbolos e as referências utilizadas por Eco nesse romance, podemos considerar que o autor fez opção pela reconstituição do passado baseando-se em questões do presente, e não por sua recuperação e conservação, tal qual defendeu Proust.

De qualquer modo, Eco parece ter atingido seu suposto objetivo de tornar a história de Yambo a história de uma geração e demonstrar que as memórias são múltiplas e formadoras da história pessoal, que por sua vez estão sempre amarradas a uma história social. Talvez Yambo não tenha encontrado o que ambicionava ao retornar à casa de Solara, porém, certamente Eco conseguiu, com a criação dessa obra, levantar nova discussão sobre a história e a literatura, demonstrando que a vida não se separa da ficção e que a história, por sua vez, vista por um perito em semiótica, pode ser contada de várias formas.

## REFERÊNCIAS

- BASTIAENSEN, Michel. La cascina della memoria: a proposito de *La misteriosa fiamma della regina Loana* di Umberto Eco. In: *Tempo e memoria nella lingua e nella letteratura italiana: Atti del XVII Congresso AIPI, 22-26 agosto 2006*. Bruxelas: Associazione Internazionale Professori d’Italiano, 2009. p. 375-387, v. 3 (Narrativa del Novecento e degli anni Duemila). Disponível em: <[http://www.infoaiipi.org/attion/ascoli\\_vol\\_3.pdf](http://www.infoaiipi.org/attion/ascoli_vol_3.pdf)>. Acesso em: 16/08/2011.
- ECO, Umberto. *A memória vegetal e outros escritos sobre bibliofilia*. Trad. Joana Angélica D’Ávila. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- ECO, Umberto. *A misteriosa chama da Rainha Loana: romance ilustrado*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- ECO, Umberto. Umberto Eco lembra a vida sob o fascismo. *Le monde*, Paris. Entrevista concedida a Catherine Bédarida. Trad. Jean-Yves de Neufville. Disponível em: <[http://www.italiaoggi.com.br/not01\\_0305/ital\\_not20050326d.htm](http://www.italiaoggi.com.br/not01_0305/ital_not20050326d.htm)>. Acesso em: 07/01/2011.
- FEDELI, Orlando. *Nos labirintos de Eco*. São Paulo: Veritas, 2004.

GIORDANO, Emilio. Una memoria di carta: alla ricerca della regina Loana. In: *Tempo e memoria nella lingua e nella letteratura italiana*: Atti del XVII Congresso AIPI, 22-26 agosto 2006. Bruxelas: Associazione Internazionale Professori d'Italiano, 2009. p. 413-425, v. 3 (Narrativa del Novecento e degli anni Duemila). Disponível em: <[http://www.infoaiipi.org/attion/ascoli\\_vol\\_3.pdf](http://www.infoaiipi.org/attion/ascoli_vol_3.pdf)>. Acesso em: 16/08/2011.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

RODRIGUES, Lenita Maria. A misteriosa chama da rainha Loana (resenha). *Revista História em Reflexão*, v. 3, n. 6, Dourados: UFGD, jul/dez. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/.../369>>. Acesso em: 07/01/2011.

TEIXEIRA, Igor Salomão. A memória em A misteriosa chama da rainha Loana. *Métis: história e cultura*, v. 6, n. 12, p. 65-87, jul/dez. 2007. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/837/594>>. Acesso em: 17/08/2011.